



LIMITES E INTOLERÂNCIAS DE MULHERES SOBREVIVENTES DO ABUSO SEXUAL INFANTIL

LIMITS AND INTOLERANCES OF WOMEN SURVIVING CHILD SEXUAL ABUSE

LÍMITES E INTOLERANCIAS DE MUJERES SUPERVIVENTES DEL ABUSO SEXUAL INFANTIL

Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira¹, Normélia Maria Freire Diniz², Telmara Menezes Couto³, Michelle Christini Araújo Vieira⁴, Thaysa Maria Vieira Justino⁵, Kalliny Mirella Gonçalves Barbosa⁶

RESUMO

Objetivo: identificar os limites de tolerância de mulheres diante do abuso sexual sofrido na infância. **Método:** trata-se de estudo qualitativo, descritivo, desenvolvida num Centro de Atenção à Mulher em Situação de Violência. Obtiveram-se os dados por meio de entrevista aberta aplicada a nove mulheres e se discutiram as contribuições da Sociologia Compreensiva e do Cotidiano em suas noções sobre senso do limite, trágico e teatralidade pela Análise de Conteúdo. **Resultados:** elencaram-se as categorias - "Da repetitividade ao limite de tolerância", que fez revelar o abuso sexual, "Valendo-se da emoção para expressar vivências trágicas de abuso sexual" e "A potência subterrânea de sobreviventes do abuso sexual". **Conclusão:** conclui-se que o trabalho sintetiza o silêncio como a principal forma de resistência aos repetitivos episódios de abuso sexual, aspecto que aguçou o senso do limite das participantes para fazer emergir a potência subterrânea que as possibilitou afrontar a vivência trágica e revelar os segredos e ressentimentos para dar seguimento às suas vidas. **Descritores:** Adultos Sobreviventes de Maus-Tratos Infantis; Abuso Sexual na Infância; Relações Familiares; Atividades Cotidianas; Violência; Saúde Pública.

ABSTRACT

Objective: to identify the limits of tolerance of women to the sexual abuse suffered in childhood. **Method:** this is a qualitative, descriptive study developed at a Center for Attention to Women in Situation of Violence. The data were obtained through an open interview applied to nine women and the contributions of Comprehensive Sociology and Daily Life were discussed in their notions about limit sense, tragic and theatricality by Content Analysis. **Results:** "From repetitiveness to tolerance," which revealed sexual abuse, "Using Emotion to Express Tragic Lives of Sexual Abuse," and "The Underground Power of Survivors of Sexual Abuse." **Conclusion:** it is concluded that the work synthesizes silence as the main form of resistance to the repetitive episodes of sexual abuse, an aspect that sharpened the sense of the limit of the participants in order to emerge the subterranean power that allowed them to face the tragic experience and reveal the secrets and resentments to follow up on their lives. **Descriptors:** Adult Survivors of Child Abuse; Sexual Abuse in Childhood; Family Relationships; Daily Activities; Violence; Public Health.

RESUMEN

Objetivo: identificar los límites de tolerancia de las mujeres frente al abuso sexual sufrido en la infancia. **Método:** se trata de un estudio cualitativo, descriptivo, desarrollado en un Centro de Atención a la Mujer en Situación de Violencia. Se obtuvieron los datos por medio de una entrevista abierta aplicada a nueve mujeres y se discutieron las contribuciones de la Sociología Comprensiva y del Cotidiano en sus nociones sobre el sentido del límite, trágico y teatralidad por el Análisis de Contenido. **Resultados:** se enumeran las categorías - "De la repetitividad al límite de tolerancia", que hizo revelar el abuso sexual, "Valiéndose de la emoción para expresar vivencias trágicas de abuso sexual" y "La potencia subterrânea de sobrevivientes del abuso sexual". **Conclusión:** se concluye que el trabajo sintetiza el silencio como la principal forma de resistencia a los repetitivos episodios de abuso sexual, aspecto que aguzó el sentido del límite de las participantes para hacer emerger la potencia subterrânea que las permitió afrontar la vivencia trágica y revelar los secretos y resentimientos para dar seguimiento a sus vidas. **Descriptor:** Adultos Sobrevivientes del Maltrato a los Niños; Abuso Sexual Infantil; Relaciones Familiares; Actividades Cotidianas; Violencia; Salud Pública.

^{1,4,5,6}Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF. Petrolina (PE), Brasil. ORCID : <https://orcid.org/0000-0003-0309-8499> E-mail: olindalira@gmail.com ORCID : <https://orcid.org/0000-0003-0309-8499> E-mail: michelle.christini@gmail.com ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-9074-9546> E-mail: kamirely64@gmail.com ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-5018-4130> E-mail: thaysavieira2010@hotmail.com ^{2,3}Universidade Federal da Bahia/UFBA. Salvador (BA), Brasil. ORCID : <https://orcid.org/0000-0003-0704-1844> E-mail: normelia.diniz@gmail.com ORCID : <https://orcid.org/0000-0001-6836-8563> E-mail: telmaracouto@gmail.com

Como citar este artigo

Diniz NMF, Carvalho e Lira MOS, Couto TM, Vieira MCA, Justino TMV, Barbosa KMG. Prevalência e fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem. Rev enferm UFPE on line. 2019;13:e239787 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.239787>

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o abuso sexual no ambiente doméstico constitui um acontecimento inesperado no cotidiano das meninas, que desarmoniza as emoções e interfere em todas as esferas da vida: física; emocional; cognitiva e interpessoal.¹ Trata-se de um exemplo de situação que ocorre em um contexto desfavorável, com a súbita invasão de sentimentos, que resulta em uma intranquilidade de trágica intensidade,² cujos impactos negativos seguem as suas vítimas até a vida adulta, sobretudo, nos campos da afetividade e sexualidade.³

Entende-se que este tipo de violência, comumente praticada por homens ligados às meninas por relações afetivas, constitui uma prática criminosa e um desrespeito às decisões e à autonomia dos limites infantis.⁴

Constata-se a prevalência deste fenômeno no sexo feminino, estimando-se que uma em cada dez meninas abaixo de 20 anos já sofreu alguma forma de abuso sexual.⁵ Identificou-se, em uma pesquisa domiciliar desenvolvida na África do Sul, com 5631 meninas e meninos, que, das 2497 meninas participantes, 14,61% haviam sofrido alguma forma de abuso sexual antes dos 18 anos, e 3,59% sofreram atos praticados por um homem ligado a elas.⁶

Encontrou-se, em outra pesquisa, com 8194 estudantes do Ensino Médio, em Quebec e Montreal, um percentual mais elevado de meninas abusadas sexualmente (15,2%) em relação aos meninos (4,4%).⁷ Registra-se que, no Brasil, 28,4% das meninas atendidas em serviços de urgência e emergência foram vítimas de abuso sexual.⁸

Ressalta-se que a repetição é uma característica comumente presente no abuso sexual no ambiente doméstico, favorecida pela intimidação, em que o abusador obriga a vítima a guardar o segredo, sendo este um dos principais motivos para que o abuso se prolongue por mais tempo,⁹ pois, diante das circunstâncias, contra as quais não consegue intervir, é difícil, para uma criança, falar espontaneamente sobre o que ocorre.

Compreende-se, assim, que um ambiente doméstico, na presença do abuso sexual, se transforma em um espaço desfavorável ao pleno desenvolvimento da criança, com prejuízos à saúde física, emocional, espiritual e psicológica, em curto e longo prazos,¹⁰ sendo intensa a associação entre a exposição ao abuso sexual na infância e o desencadeamento da depressão e de ideações suicidas e homicidas na vida adulta da vítima.¹¹⁻²

Aponta-se que, pelo caráter da repetitividade, o abuso aguça o senso do limite da criança, a qual passa a vivenciar situações conflitantes e sentimentos confusos, sobretudo, quando o autor do abuso é o próprio pai, pois, embora ela o ame, diante das circunstâncias, a vítima se sente confusa e também o odeia.¹³

Verifica-se que a criança, consciente dos seus limites de tolerância, chega a um estágio de intolerância, o que contribui para que o silêncio, que mantém o segredo, seja rompido e o abuso, revelado. Ressalta-se, contudo, que isto não ocorre em um tempo igual para todas as crianças abusadas, pois cada uma, sob o seu próprio ritmo, suporta essa intranquilidade por um período maior ou menor e, para a sua visibilidade, as vítimas costumam usar a emoção para externar sentimentos decorrentes da experiência, por meio de gestos, choros ou ironias.¹⁴

Procuraram-se, nesta ordem de ideias, por esta pesquisa, respostas para o questionamento: "A que ponto pode chegar a tolerância de uma mulher que foi abusada sexualmente na infância e como sobreviver à vivência do abuso sexual na infância?". Parte-se do pressuposto que tomar consciência dos limites da tolerância ao abuso sexual sofrido na infância acentua a potência da mulher para transfigurar o seu cotidiano, na busca de uma vida saudável, pois se imagina que, ao expor o abuso sexual, a mulher poderá alcançar a força necessária para modificar o seu dia a dia.

Delimitou-se, desse modo, como objetivo da pesquisa, identificar os limites da tolerância de mulheres diante do abuso sexual sofrido na infância.

OBJETIVO

- Identificar os limites da tolerância de mulheres diante do abuso sexual sofrido na infância.

MÉTODO

Trata-se de estudo qualitativo, descritivo, desenvolvido em 2014, em um Centro de Atendimento a Mulheres em Situação de Violência, na cidade de Petrolina, Pernambuco, Brasil, com dados obtidos por meio de uma entrevista aberta e conduzida pelas questões norteadoras: "Fale-me do seu dia a dia durante o tempo em que você foi abusada sexualmente" e "Como ficou o seu dia a dia após o tempo em que sofreu abuso sexual?". Fundamentou-se a análise dos resultados em noções e pressupostos teóricos e da sensibilidade, desenvolvidos pela Sociologia Compreensiva e do Cotidiano,¹⁵ que, ao contrário da Sociologia tradicional, tem a finalidade de auxiliar na compreensão teórica de inúmeros contextos sociais do dia a dia, investigando-os em seus detalhes, por meio de um raciocínio sensível.

Buscou-se, considerando que esta pesquisa discute um cotidiano trágico de abuso sexual na infância, ajuda no pressuposto denominado Forma, para se favorecer a contextualização inicial da vivência e a sua posterior descrição, que foi embasada na categoria imaginária senso do limite, que significa a tomada de consciência de alguém diante de ocorrências trágicas da vida, o que, muitas vezes, se relaciona a situações de opressão, que, no caso em pauta, se referem ao abuso sexual na infância.

Agruparam-se, para se facilitar a descrição do limite das participantes diante dos repetitivos episódios de abuso sexual, trechos das suas falas individuais em duas variações, denominadas trágico e teatralidade - esta última utiliza a emoção e os recursos do teatro, como o drama (por isso, o nome de teatralidade), para deixar transparecer essas experiências trágicas.¹⁶ Descreve-se, na prática, que a pessoa usa máscaras para dramatizar e, por meio da interpretação de papéis, externaliza a situação.

Aprovou-se esta pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia sob o parecer 684.203. Enfatiza-se que a participação foi voluntária e a coleta dos dados somente ocorreu após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Pontua-se que, para se garantir a confidencialidade e preservar o anonimato, as participantes foram identificadas pelos nomes fictícios Eva, Marta, Clara, Rosa, Júlia, Lara, Alice, Isaura e Mel.

RESULTADOS

◆ Caracterização das participantes

Trata-se de um grupo constituído por nove mulheres, entre 18 e 53 anos, de maioria autodeclarada parda (cinco), solteira (quatro), desempregada e financeiramente dependente da família (sete). Destaca-se que a maior escolaridade registrada foi o Ensino Médio completo. Aponta-se que sete mulheres tinham filho (s), ressaltando que uma das gestações ocorreu durante a situação de abuso sexual.

Registra-se que a idade das participantes, quando o abuso sexual ocorreu pela primeira vez, variou entre quatro e 17 anos, e seis das vítimas tinham menos de dez anos. Sabe-se que os abusadores foram pais biológicos (três), padrastos (quatro) ou outros parentes, como irmãos (dois) e primos (dois). Salienta-se que, das nove situações, apenas quatro foram oficialmente denunciadas à Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) e ao Conselho Tutelar (CT), e, a partir dessas denúncias, foram instaurados a aplicação de medidas protetivas, a punição dos abusadores e o acompanhamento das vítimas.

Organizaram-se os resultados nas categorias “Da repetitividade ao limite de tolerância”, que fez revelar o abuso sexual, “Valendo-se da emoção para expressar vivências trágicas de abuso sexual” e “A potência subterrânea de sobreviventes do abuso sexual”.

◆ Da repetitividade ao limite de tolerância e revelação do abuso sexual

Demonstra-se, nas narrativas desta categoria, que os episódios repetitivos atingiram o ponto de saturação, o que permitiu romper o silêncio para se tornar público o abuso sexual. Observa-se que cada situação demandou um tempo para a sua revelação

e, das nove pesquisadas, apenas uma revelou o abuso no dia seguinte ao ocorrido, conforme as falas seguintes.

No dia seguinte ao abuso, eu só esperei o dia amanhecer e pedi carona para chegar à cidade onde minha mãe se encontrava com a minha irmã. Falei o que tinha acontecido, mas elas não acreditaram, disseram que eu estava caluniando o próprio pai. (Júlia, abusada sexualmente pelo pai aos 17 anos, uma única vez, enquanto dormia)

Destaca-se que outra participante mantém o abuso em segredo e apenas o confidenciou, aos 53 anos, durante o acompanhamento psicológico.

Eu nunca revelei o abuso que sofri dos meus dois irmãos, mantenho este segredo e não quero nunca que minha mãe venha a saber, nem a sonhar, ninguém da minha família sabe. Só falei para minha analista. (Isaura, 53 anos, abusada sexualmente pelos dois irmãos, dos seis aos 11 anos de idade)

Percebe-se que, quanto ao tempo e à forma de revelação, outra participante manteve a associação com a intensidade da intimidação usada pelo abusador.

Me lembro como se fosse hoje a primeira vez em que o abuso ocorreu, eu tinha quatro anos e acordei sentindo uma dor imensa, e senti que um dos meus primos estava em cima de mim, me abusando. A partir daí, ele e os outros dois primos passaram a me ameaçar. Eles diziam que, se eu falasse, iriam me matar, me enterrar e que ninguém iria saber onde eu estava, e também ameaçavam matar meus pais. E foi assim que o abuso demorou, aconteceu por muito tempo, até os meus 18 anos, quando o revelei a uma tia. (Eva, 28 anos, abusada sexualmente por três primos, dos quatro aos 18 anos)

Desde os oito anos, o meu pai me abusava, mas eu mantive o segredo até os meus 17 anos, porque ele me intimava, embora não falasse nada, ele me dava toques para eu não falar, porque ele me olhava por baixo dos olhos e eu tinha receio de que ele matasse minha mãe e meus irmãos. Então, eu não falava diretamente que estava sendo abusada, mas aproveitava as notícias sobre pedofilia e, apesar do medo, eu dizia: “Se isso acontecer comigo, eu denuncio”. O tempo foi passando e a descoberta ocorreu através de uma denúncia anônima ao Conselho Tutelar. Os conselheiros me perguntaram coisas que não pude negar e, como eu não aguentava mais ser abusada, me entreguei e falei: “Isto é pelo que meu pai fez comigo, não é?”. (Marta, 19 anos, abusada sexualmente pelo pai dos oito aos 17 anos)

Entende-se que os frequentes episódios de abuso sexual aguçaram o senso do limite das participantes, que, por se sentirem intimidadas, não relataram diretamente o que ocorria, mas lançaram mão de subterfúgios para externar as suas vivências, na tentativa de desmascarar os abusadores.

Minha mãe me deixava sozinha com o meu padrasto porque ela confiava inteiramente nele e, assim, os abusos foram se repetindo, até que

Diniz NMF, Carvalho e Lira MOS, Couto TM, et al.

chegou a um ponto em que eu não aguentava mais a pressão e, em uma noite, eu disse para a minha mãe fazer alguma coisa para ela vê. Então, ela fingiu que estava dormindo e percebeu que ele não estava na cama e, quando ela acendeu a luz, encontrou o meu padrasto apenas de toalha, agachado próximo à minha cama. E, assim, o abuso foi descoberto. (Lara, 21 anos, abusada sexualmente pelo padrasto dos seis aos 11 anos)

◆ Valendo-se da emoção para expressar vivências trágicas de abuso sexual

Aponta-se que as participantes fizeram uso da emoção para expressar as suas vivências trágicas de abuso sexual sofrido na infância.

Meu pai me batia porque eu não queria deitar na cama com ele, e eu dizia: "Você fede". Aí, ele tentava penetrar o pênis, mas eu nunca deixei, não lembro bem. Sei que tenho nojo dele e do meu irmão mais velho. (Mel, 35 anos, abusada sexualmente pelo pai, dos seis aos 13 anos)

Meu pai pegou um pedaço de pau para me bater, e eu disse: "É você dar em mim e eu lhe despedaçar todinho. Você está pensando que eu estou esquecida do que você fez comigo? Ter me abusado sexualmente? Eu não estou esquecida de jeito nenhum; um dia você me paga". (Júlia)

Avalia-se que as reações auxiliam a compreender que a opressão gera, na vítima, atitudes antagônicas de amor e ódio tecidas em teias de ressentimentos.

Eu tenho ódio do meu pai por ter me abusado sexualmente, mas entreguei a Deus, liberei o perdão para ele. (Mel)

Tenho muito ódio do meu pai por ter feito sexo comigo. Na época, quando eu o via na rua, eu tinha nojo dele, mas também sentia vergonha, raiva e vontade de matá-lo. Eu não consigo perdoá-lo porque o problema não passa. Sabe aquela ferida grande que não fecha? Cria uma casquinha e, depois, arrebenta? (Marta)

Antes, eu nunca havia agredido fisicamente o meu pai, mas, depois de um certo tempo, por duas vezes, eu tentei matá-lo com uma faca, mas não quero mais saber disso não, deixa para lá. Ele já está velho. Deus tome providência lá do alto. Também não quero que ninguém faça nada com ele, não, porque ele é meu pai. (Júlia)

Compreende-se que o silêncio que velou a experiência trágica de abuso sexual contribuiu para que as participantes guardassem ressentimentos que lhes causaram mal e as levaram a um sofrimento que se prolongou por toda a vida.

Durante o tempo em que fui abusada por meus primos, eu sentia ódio, mas, hoje, já não sinto mais. Não gosto deles e estou trabalhando pra perdoar, mas ainda não consegui. O sentimento que tenho é que eles destruíram a minha vida. Eu preferia mil vezes que eles tivessem me matado porque viver com essas lembranças é terrível. Não tem uma noite que, antes de dormir, eu não pense nisto. (Eva)

Este problema de ter sofrido abuso sexual do meu padrasto prejudicou a minha vida e ainda tá prejudicando, me incomoda bastante, sinto raiva. É um inferno porque ele comenta o que aconteceu

Limites e intolerâncias de mulheres sobreviventes...

e já tentou me separar do meu marido, mas não conseguiu. Eu só ficaria bem se ele desaparecesse, sem dá notícias de onde se encontrasse, para que eu não soubesse mais dele. (Clara, 21 anos, abusada sexualmente pelo padrasto dos 11 aos 18 anos)

Minha vida se transformou, mudou para pior, me deu revolta, até hoje, quando eu lembro, sinto desgosto da vida. Não me sinto um ser humano, me sinto um lixo porque é ruim acontecer uma coisa desta com o próprio pai. Por causa disto, eu quis me matar: na frente de uma carreta, tentei beber água sanitária, me cortei de gilete com desgosto. (Júlia)

◆ A potência subterrânea de sobreviventes do abuso sexual

Sugere-se que o senso do limite, aguçado pela vivência trágica do abuso sexual, contribuiu para que as participantes potencializassem as forças para seguir a vida com determinação.

Encontrar o meu companheiro, casar, me deu ânimo porque, antes, eu não tinha coragem para enfrentar este problema e meu marido me dá forças para isto. Decidi tocar a vida longe da minha cidade, temos um filho e posso dizer que, comparando com o tempo em que eu estava sendo abusada sexualmente, atualmente, está bem melhor. (Clara)

Desde que o abuso foi descoberto, fui afastada do convívio com meu pai e, há três anos, estou tendo assistência daqui. Quando eu cheguei, não conversava com ninguém, me escondia das pessoas com medo, mas, durante esse tempo, minha vida mudou. Atualmente, já consigo conviver com o trauma, voltei a estudar e sou incentivada pela professora para ser narradora por ela disse que falo bem. (Marta)

Me dediquei à igreja e, desde então, continuo o trabalho de evangelização e tocar na missa, isto ajuda a seguir a vida porque eu vejo que tem problemas maiores que o meu, como pessoas em estado terminal de câncer, ou pessoas que têm até o mesmo problema, mas não encontraram um apoio. Aí, eu tento levar um pouco de conforto através da música. (Eva)

DISCUSSÃO

Mostra-se, em síntese, que a exposição frequente ao abuso sexual aguçou o senso do limite da tolerância, rompeu o curso natural da infância das participantes e afetou a convivência entre os membros da família. Constata-se, além disso, que as lembranças guardadas na memória se manifestaram em ressentimentos que permaneceram por toda a vida das vítimas. Ressalta-se, por outro lado, que a conscientização do limite da tolerância foi um fator favorável para se acentuar a potência de cada mulher e intensificar as forças necessárias para combater os traumas ocasionados pela vivência trágica, modificar o vivido abusivo e dar prosseguimento aos projetos de vida, na tentativa de estabelecer um cotidiano saudável.

Avalia-se que a lembrança do abuso sexual reacendeu o trauma e acentuou mágoas latentes e, apesar de se tratar de um problema comum a todas as participantes, cada uma lidou com ele de uma maneira própria, o que mostra os diferentes graus de tolerância para suportá-lo.

Percebe-se que as máscaras foram usadas como dispositivos de proteção, pois, além de ocultarem uma face horrível,¹⁷ representada pelas lembranças da vivência abusiva, também as auxiliaram a protestar e a desmascarar os abusadores, de modo que as máscaras usadas na época em que o abuso ocorreu, como, também, posteriormente, foram mecanismos para sobreviver à opressão, compreendendo que, em um contexto de abuso sexual no ambiente doméstico, a encenação de papéis por uma menina abusada significa a tomada de consciência dos seus limites de tolerância, por outras palavras, uma forma de resistência passiva para sobreviver ao vivido trágico.

Entende-se que a lembrança reacendeu o trauma, que foi expresso em sentimentos, na sua maioria, opostos, como vida e morte, amor e ódio, desconfiança e confiança, afeto e desafeto, o que comprova a existência da vida e que dela fazem parte, concomitantemente, a sombra e a luz.¹⁸

Reforça-se, assim, o entendimento de que a exposição a certas adversidades durante a infância é um potencializador de efeitos que podem perdurar por toda a vida. Observou-se, em uma metanálise que explorou os padrões de respostas de meninas e meninos diante da exposição a eventos traumáticos, que, em relação ao abuso sexual, as meninas expressaram sinais mais severos de estresse pós-traumático e sintomas mais intensos de raiva em resposta à experiência abusiva.¹⁹

Nota-se que o abuso sexual interfere negativamente na vida cotidiana de uma mulher abusada na infância, o que pode induzi-la a ideias suicidas e a desejos de vingança, sob a forma de homicídio.¹² Aponta-se que a experiência é tão marcante que, em termos comparativos, mulheres depressivas com histórico de abuso sexual na infância podem chegar ao extremo de tentar suicídio mais frequentemente do que outras mulheres, também depressivas, mas que não vivenciaram o abuso sexual na infância.²⁰

Defende-se, quanto aos desejos de vingança despertados pela vivência abusiva, que eles estabelecem a disseminação da violência e provocam indignação, conforme uma pesquisa que descreve a ira de uma mulher de 50 anos que sobreviveu ao incesto prolongado praticado pelo pai desde os cinco anos de idade.²¹

Destaca-se, como outro aspecto que chamou a atenção, o sentimento de revolta apreendido. Interpretou-se, diante da subjetividade, o desejo inconsciente das participantes de retornarem ao ponto anterior à experiência abusiva, ou seja, voltar a ter uma vida livre de opressão. Compreende-se,

nesta linha de pensamento, que a revolta foi o disparador por meio do qual emergiu, de cada mulher, a potência para afrontar o destino trágico do abuso sexual, com a confiança de que a mudança seria possível. Traduz-se, portanto, pela potência, uma força mais intensa e duradoura do que o poder aparente que o abusador imagina possuir, que, na verdade, se mostra frágil e temporário.¹⁸

Estabelece-se, da mesma maneira que ocorre em outras vivências cotidianas, no caso do abuso sexual, mesmo depois de descoberto, que nem o passar do tempo é suficiente para esquecê-lo. Percebeu-se, contudo, que as participantes agiram com determinação para trabalhar o problema no momento atual, sem deixar para depois, o que corrobora o pensamento de que é na vida de todos os dias que se reconstrói o terreno a partir do qual podem crescer e se fortalecer as novas maneiras de ser e de pensar.²²

Torna-se necessário ressaltar que a teatralidade permitiu, às participantes, encenar diferentes papéis para expressarem o trágico cotidiano e superarem o destino do abuso sexual. Observa-se que elas se camuflaram para sobreviver, lançando mão de formas de resistência passiva, como o silêncio.

Confirma-se que o abuso sexual, como outros vividos trágicos, desencadeia a sensibilidade e o afetual das relações sociais contemporâneas, mostrando que, em vez de excluir ou isolar os sentimentos, o cotidiano os encena e os transforma em uma ética da estética. Verifica-se, então, que esta maneira de se refletir sobre a relação entre a ética e a estética está ancorada no modo como a forma, isto é, como o jeito de ser, compromete o comportamento, ou seja, o estar na existência.²³

Considera-se, portanto, que o abuso sexual é um vivido que compromete a existência de uma criança, podendo ser classificado como um fenômeno perturbador, principalmente, para quem se propõe a investigá-lo,²⁴ de forma que os profissionais da saúde precisam estar atentos para compreender o modo como as situações abusivas se instalam e afetam a vida de uma mulher, pois, em decorrência das repercussões negativas e prolongadas do abuso sexual, essas mulheres procurarão, provavelmente, os serviços de saúde, com múltiplas necessidades relacionadas ao fenômeno, exigindo, da equipe interprofissional, um cuidar pautado na sensibilidade, que lhes permita captar os pequenos detalhes, muitas vezes, escondidos em gestos, silêncio, choros, palavras irônicas ou alterações de comportamento.

Defende-se que este processo é possível, oferecendo às vítimas o suporte para que compreendam a vida, em seus instantes atuais, com o que ela lhes proporciona: dores e tropeços, mas com forças para lutar. Percebe-se que, apesar de não se poder impedir que o abuso ocorra e, mesmo diante das recordações, as participantes afrontaram

o destino sob uma perspectiva do instante atual, mostrando que o ato de se dar conta do vivido abusivo representava o ponto de partida para se tornar possível o resgate da alegria de viver.

Deduz-se que compreender o abuso sexual em seus desdobramentos se apresenta como uma possibilidade para a vítima administrar as suas repercussões negativas conscientemente, sabendo que não existem mudanças mágicas, mas que é preciso se esforçar para superar o ocorrido.

Questiona-se, sobre as experiências abusivas, o imaginário do lar, espaço privado de convivência, concebido como um ambiente protetor, em que se espera, dos responsáveis, o suporte necessário para o desenvolvimento equilibrado de crianças e adolescentes.¹⁰

CONCLUSÃO

Apresentam-se, como limitações desta pesquisa, um único cenário de coleta de dados e, conseqüentemente, a visão das colaboradoras de um único local, o que não garante que os achados possam ser generalizados a todas as mulheres que vivenciam a mesma experiência de ser abusadas sexualmente na infância.

Aponta-se, pelos resultados, para o silêncio como o principal elemento do limite de tolerância imposto pelo abuso sexual na infância, considerando que, diante de uma mesma experiência traumática, as pessoas expostas têm limites diferentes para suportá-la.

Mostra-se a emoção como a condição que deixou transparecer os mecanismos de sobrevivência, as válvulas de escape que permitiram, às participantes, incorporar personagens para tornar público o abuso e, também, externar os ressentimentos, sinais do adoecimento emocional decorrente da vivência abusiva.

Avalia-se que as contribuições do estudo são úteis para o planejamento e a execução de cuidados que, pautados na sensibilidade e solidariedade, auxiliarão as mulheres sobreviventes do abuso sexual a restituir o equilíbrio necessário para se alcançar um cotidiano saudável.

REFERÊNCIAS

1. Villanueva Sarmiento I. The sexual infantile abuse: abuser's profile, family, the child victim and psychic consequences because of the abuse. *Rev psicogente* [Internet]. 2013 Sept/Nov [cited 2018 Aug 10];16(30):451-70. Available from: <http://revistas.unisimon.edu.co/index.php/psicogente/article/view/1930>
2. Maffesoli M. *Homo Eroticus: Comunhões emocionais*. São Paulo: Forense Universitaria;2014.
3. López S, Faro C, Lopetegui L, Pujol-Ribeira E, Moteagudo M, Jesus C, et al. Impacto del abuso sexual durante la infancia-adolescencia en las relaciones sexuales y afectivas de mujeres adultas.

- Gac Sanit. 2016 May/June;31(3):210-9. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2016.05.010>
4. Marra MM, Costa LF. Characterization of sexual abuse in clientele of CREAS. *Rev Subj*. 2016 Aug;16(2):105-16. Doi: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.105-116>
5. United Nations International Children's Emergency Foundation. *Hidden in Plain Sight: a statistical analysis of violence against children* [Internet]. New York: UNICEF;2014 [cited 2018 Aug 10]. Available from: http://files.unicef.org/publications/files/Hidden_in_plain_sight_statistical_analysis_EN_3_Sept_2014.pdf
6. Ward CL, Artz L, Leoschut L, Kassanje R, Burton P. Sexual violence against children in South Africa: a nationally representative cross-sectional study of prevalence and correlates. *Lancet Glob Health*. 2018 Apr;6(4):460-8. Doi: [https://doi.org/10.1016/S2214-109X\(18\)30060-3](https://doi.org/10.1016/S2214-109X(18)30060-3)
7. Hébert M, Lavoie F, Blais M. Post Traumatic Stress Disorder/PTSD in adolescent victims of sexual abuse: resilience and social support as protection factors. *Ciênc Saúde Colet*. 2014 Mar;19(3):685-94. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014193.15972013>
8. Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. *Viva: sistema de vigilância de violências e acidentes, 2013-2014* [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde;2017 [cited 2018 Aug 10]. Available from: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_vigilancia_violencia_acidentes_2013_2014.pdf
9. Arredondo V, Saavedra C, Troncoso C, Guerra C. Disclosure of Sexual Abuse in Children treated at the Corporación Paicabi. *Rev latino-am cienc soc niñez juv*. 2016 Feb;14(1):385-99. Doi: <http://dx.doi.org/10.11600/1692715x.14126230215>
10. Fontes LFC, Conceição OC, Machado S. V Childhood and adolescent sexual abuse, victim profile and its impacts on mental health I. *Ciênc Saúde Colet*. 2017 Sept;22(9):2919-28. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017229.11042017>
11. Middleton W. Ongoing incestuous abuse during adulthood. *J Trauma Dissociation*. 2013;14(3):251-72. Doi: [10.1080/15299732.2012.736932](https://doi.org/10.1080/15299732.2012.736932)
12. Mondin TC, Cardoso TA, Jansen K, Konradt CE, Zaltron RF, Behenck MO, et al. Sexual violence, mood disorders and suicide risk: a population-based study. *Ciênc Saúde Colet*. 2016 Mar;21(3):853-60. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015213.10362015>
13. Santeiro TV, Rossato L, Juiz APM, Gobbetti GJ. *Psicodinâmica das relações incestuosas: assassinato e renascimento da alma em Preciosa*. *Estud Psicol*. 2014 Jan/Mar;19(1):93-102. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-7372189590009>

14. Lira MOSC, Nitschke RG, Rodrigues AD, Rodrigues VP, Couto TM, *et al.* Surviving Sexual Abuse in Everyday life: Forms of Resistance Used by Children and Adolescents. *Texto contexto-enferm.* 2017 July;26(2):e00050016. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017000050016>
15. Nitschke RG, Tholl AD, Potrich T, Silva KM, Michelin SR, Laureano DD. Contributions of Michel Maffesoli's thinking to research in nursing and health. *Texto contexto-enferm.* 2017 Jan;26(4):e3230017. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017003230017>
16. Pereira GM. O tempo retorna: Maffesoli e a comunicação pós-moderna. *Rev Temática [Internet]*. 2013 [cited 2018 Aug 10];9(05). Available from: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/21893/12050>
17. Lopes J. Gênero Trágico na obra “venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles. *Rev Memento [Internet]*. 2013 Jan/June [cited 2018 Sept 10];4(1):128-38. Available from: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/736/pdf>
18. Maffesoli M. The Clown Opera of Politics. *Rev Famecos.* 2013 Jan/Apr;20(1):69-82. Doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2013.1.13644>
19. Martinez W, Polo AJ, Zelic KJ. Symptom Variation on the Trauma Symptom Checklist for Children: a within-scale meta-analytic review. *J trauma stress.* 2014 Dec;27:655-63. Doi: <https://doi.org/10.1002/jts.21967>
20. Pinto VCP, Alves JFC, Maia AC. Adversity in childhood predicts depressive symptoms and suicide attempts in adult Portuguese women. *Estud Psicol.* 2015 Oct/Dec;32(4):617-25. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000400005>
21. Salter M. Grace's story: prolonged incestuous abuse from childhood into adulthood. *Violence Against Women.* 2013 Feb;19(2):146-65. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1077801213476459>
22. Oliveira ECS. Telling stories and inventing methodologies to discuss violence against women. *Rev Estud Fem.* 2014 Jan/Apr;22(1):416. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100011>
23. Maffesoli M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. São Paulo: Forense Universitária;2014.
24. Badia DD, Poli AP, Souza NCAT. The theme of school violence in initial formation of teacher: from existing faults to the necessary discussions. *Conjectura Filos Educ [Internet]*. 2014 Sept/Dec [cited 2018 Aug 10];19(3):171-84. Available from: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/249>.

Submissão: 10/02/2019

Aceito: 02/06/2019

Publicado: 16/06/2019

Correspondência

Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira

E-mail: olindalira@gmail.com



Todo conteúdo desse artigo foi licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)